



RESENHA CRÍTICA DO LIVRO PRIMEIRO EU TIVE QUE MORRER, DE LORENA PORTELA

CRITICAL REVIEW OF BOOK FIRST HAD TO DIE, BY LORENA PORTELA

PORTELA, Lorena. **Primeiro eu tive que morrer**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

Joana Diógenes Saldanha Irineu¹
Otílio Diógenes Saldanha²
Francisca Alynne Ribeiro Rolim³

1 INTRODUÇÃO

Ao lermos *Primeiro eu tive que morrer*, de Lorena Portela, a primeira impressão que temos é a de uma narrativa que expõe, de modo simultaneamente cru e lírico, a tensão entre sobrevivência e desejo, dor e possibilidade de cura. Considerando que “a juventude, certamente, começa aos 16, mas ainda não se definiu exatamente quando acabará, do ponto de vista legal – muitos falam em 25 anos, alguns até em 29 anos” (Groppo, 2004, p. 10), então podemos dizer que esse romance insere-se no contexto contemporâneo da literatura juvenil ao articular experiências do presente da jovem personagem, com memórias de sua infância e adolescência, o que contribui para a construção de uma subjetividade marcada por conflitos identitários e afetivos. A presença de vozes femininas e LGBTQIAPN+, reivindicam espaço na representação literária e nas disputas simbólicas em torno do

¹ Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Professora da Secretaria de Educação de Fortaleza/CE.

² Doutorando em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Supervisor escolar da Secretaria de Educação de Fortaleza/CE.

³ Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. Professora da Secretaria de Educação de Fortaleza/CE.

corpo, da identidade e da existência.

Nessa obra, reconhecemos uma força disruptiva e uma honestidade rara na abordagem das experiências juvenis. A narrativa ultrapassa o campo do entretenimento e afirma-se como um instrumento de reflexão social e existencial. A protagonista, cujo nome não é apresentado no enredo, encarna o desconforto e a coragem de quem precisa morrer, simbolicamente, para nascer de si mesma. Assim, este romance propõe uma travessia crítica sobre temas que tocam o íntimo e o coletivo: a violência de gênero, o abuso, a sexualidade e o poder de reconstrução.

2 DESENVOLVIMENTO

Nesta seção, buscamos aprofundar a leitura crítica de *Primeiro eu tive que morrer*, compreendendo-o como um romance que envolve o público juvenil em uma leitura agradável e apresenta um importante grau de maturidade estética e política. Nossa intenção é analisar de que modo Lorena Portela constrói uma narrativa de resistência, elaborada a partir da dor e do desejo, na qual a experiência feminina e dissidente ocupa o centro da cena literária. A leitura que realizamos ancora-se na convicção de que a literatura, especialmente quando produzida por vozes que desafiam o silenciamento, constitui um espaço de criação simbólica e de enfrentamento das desigualdades que atravessam a vida social.

Para uma melhor compreensão do leitor, organizamos esta análise em três dimensões: a contextualização crítica, que situa o romance no panorama da literatura juvenil contemporânea e nos debates socioculturais em torno de gênero, sexualidade e território; a análise temática, que aprofunda a leitura dos principais eixos narrativos e simbólicos, como identidade, pertencimento e dissidência; e, por fim, a análise estética e formal, que observa as escolhas narrativas, o estilo e os recursos poéticos que conferem singularidade à escrita da autora.

Ao adotarmos esse percurso analítico, pretendemos compreender como o romance, ao mesmo tempo em que expressa um drama pessoal, reflete tensões coletivas que dizem respeito à condição feminina e às juventudes brasileiras em seus processos de autodescoberta e resistência. Assim, buscamos destacar a relevância literária da obra, bem como reconhecer o gesto ético e político que sustenta sua escrita, o de transformar a dor em palavra, a vulnerabilidade em potência e a literatura em um espaço de reexistência.

2.1 Contextualização crítica

Essa obra tensiona e amplia as fronteiras tradicionalmente atribuídas à literatura juvenil, pois afasta-se de narrativas moralizantes ou de caráter estritamente pedagógico, recorrentes em momentos iniciais da produção voltada ao público jovem, e aposta em uma escrita densa, sensível e incisiva. A narrativa dialoga com inquietações contemporâneas, dando forma literária às experiências de uma geração atravessada por mecanismos de opressão sobre os corpos e tentativas de silenciamento das subjetividades.

O livro surge em um contexto sociocultural no qual o Brasil vivencia debates intensos sobre feminismo, diversidade sexual e o enfrentamento da violência de gênero. Lorena Portela, jovem autora nordestina, insere-se em um movimento de escritas periféricas e insurgentes que vêm tensionando os centros tradicionais da produção literária brasileira, antes dominados por vozes masculinas e hegemônicas. Sua narrativa assume, assim, uma dimensão política, em diálogo com trajetórias literárias como a de Conceição Evaristo, ao reivindicar espaço para experiências silenciadas. A obra confere visibilidade a uma juventude marcada por traumas, mas também impulsionada por desejos de liberdade, configurando um território narrativo em que amor e ódio coexistem em constante tensão.

Ao longo da trama, a autora dialoga com questões históricas e epistemológicas, como o lugar da mulher na literatura, a representação da dor como experiência política e o corpo feminino como campo de disputa. Pontuamos que a protagonista não é uma heroína idealizada, mas uma mulher em ruínas, tentando reconstruir-se em meio a suas memórias. Ao trazer à tona temas como violência sexual, saúde mental, homossexualidade e autoaceitação, a autora contribui para ampliar o repertório simbólico da literatura juvenil, convidando-nos a refletir sobre os atravessamentos que estruturam as relações sociais de classe, gênero, raça e território.

2.2 Análise temática

O título do romance já anuncia sua dimensão simbólica, tendo em vista que morrer significa romper com uma versão de si imposta pelo patriarcado, pela culpa e pelo trauma. *Primeiro eu tive que morrer* é uma metáfora para o processo de

libertação da protagonista, uma jovem que, ao narrar sua história, refaz o caminho de suas dores para alcançar alguma forma de renascimento. A narrativa é profundamente introspectiva e confessional, conduzindo-nos por uma jornada de enfrentamento com o passado e de tentativa de reconstrução da identidade.

Entre os temas centrais, destacamos identidade, pertencimento e dissidência. A personagem principal encontra-se em permanente deslocamento, tentando reconciliar-se com a própria história e com as marcas que a constituem. A experiência do abuso e da violência perpassa seu corpo e sua memória, ficando isso evidente no texto, o leitor não é poupado desse confronto. Contudo, há também uma dimensão política do afeto, a sexualidade da protagonista, sua relação com outra mulher e sua busca por amor não são apresentadas como desvios, mas como manifestações legítimas de desejo e como gestos de afirmação e resistência.

Assim, a obra contribui para os debates contemporâneos sobre juventudes dissidentes, abordando a homossexualidade feminina sem fetichização e sem enquadrá-la em arquétipos simplistas. Rompe com a linearidade das representações juvenis e oferece ao leitor um espelho fragmentado, mas verdadeiro, da experiência humana. A autora recusa a vitimização e propõe, em seu lugar, a complexidade emocional e a autonomia narrativa da protagonista.

Compreendemos que essa recusa ao silenciamento constitui um dos eixos que tornam o livro uma espécie de obra-espelho, na medida em que reflete experiências vividas por muitos jovens e opta por inscrevê-las no campo da linguagem. A narrativa aborda feridas ainda abertas, mas também as cicatrizes que delas resultam, sugerindo a morte simbólica como etapa necessária a processos de reconstrução e florescimento. A protagonista configura-se, assim, como síntese de vozes que ainda lutam por reconhecimento: mulheres, lésbicas, jovens periféricas, sobreviventes de múltiplas violências, e que encontram na literatura um espaço de elaboração simbólica, afirmação e possibilidade de existência digna.

2.3 Análise estética e formal

Em termos estéticos, esse romance nos impressiona pela força da linguagem poética que Lorena Portela imprime à prosa. O livro alterna momentos de brutalidade e lirismo, num equilíbrio delicado que confere intensidade à narrativa. A autora utiliza um foco narrativo em primeira pessoa, o que aproxima o leitor da

experiência íntima da personagem e transforma a leitura num exercício de empatia e desconforto.

A temporalidade fragmentada e o uso do fluxo de consciência configuram-se como estratégias formais que expressam o estado psíquico da narradora. Em diversas passagens, o passado aparece refletido no presente, há uma mistura entre lembranças e experiência do agora, que se apresentam de modo não linear. Essa organização descontínua da narrativa sugere que a escrita opera como um esforço de dar forma ao que, internamente, se apresenta como desordem. Tal recurso estético intensifica a compreensão de que narrar, nesse contexto, constitui um gesto de elaboração e, sobretudo, uma estratégia de sobrevivência.

A oralidade e a escrita de tom confessional, confere ao texto um caráter híbrido, aproximando-o do ensaio, do diário e do testemunho. Essa mescla de registros amplia a densidade da narrativa e reforça seu compromisso com a exposição de uma subjetividade em processo. Observa-se, ainda, o emprego recorrente de metáforas associadas à morte e ao renascimento, como o corpo que se despede, o coração que recomeça, a dor que se converte em palavra, imagens que estruturam simbolicamente o percurso da protagonista. A própria materialidade do livro contribui para a experiência estética, pois título e capa dialogam com a ideia de travessia entre morte e vida, destruição e reconstrução, sinalizando, desde o início, que se trata de uma narrativa marcada pela ruptura.

A relação entre forma e conteúdo é de completa interdependência. A estrutura fragmentada é um artifício técnico que representa o reflexo sobre a condição da personagem, uma mulher que tenta juntar os pedaços de si. A linguagem crua, por vezes quase cortante, funciona como denúncia e, ao mesmo tempo, como gesto de cura. Lorena Portela, portanto, faz da dor um instrumento estético e político, e da literatura, um território de reinvenção.

3 CONCLUSÃO

Concluimos a análise reconhecendo que a obra ocupa lugar relevante na literatura brasileira contemporânea dirigida ao público juvenil, especialmente no que se refere às experiências da mulher no tempo presente. A obra ultrapassa a mera função representativa e assume contornos de testemunho e denúncia, sem abdicar do rigor estético e da elaboração literária. A autora constrói uma narrativa que,

simultaneamente, confronta e ampara o leitor, produzindo um efeito de impacto e acolhimento que permanece para além da leitura.

Como resenhistas, reconhecemos na obra um potencial formativo e crítico, ela provoca o leitor a encarar o silêncio social em torno das violências de gênero e da homofobia, fazendo um convite à empatia. Ao trazer para o centro da literatura juvenil uma protagonista lésbica, nordestina e marcada por traumas, a autora amplia o espectro de representações e reafirma o papel da literatura como espaço de legitimação de identidades historicamente marginalizadas.

A densidade emocional que sustenta a narrativa pode, em um primeiro momento, afastar leitores pouco habituados a textos marcados pela introspecção e pelo mergulho subjetivo. Contudo, é precisamente essa intensidade que constitui um de seus maiores méritos, ao evidenciar a disposição da autora em enfrentar temas historicamente silenciados. *Primeiro eu tive que morrer*, nesse sentido, apresenta-se como uma obra que tensiona e amplia o campo da literatura juvenil, ao articular dimensão estética, implicações políticas e experiências afetivas em uma escrita capaz de provocar no leitor questionamentos acerca dos sentidos da vida.

Acreditamos que, ao ser lido nas escolas, nas universidades e nos círculos literários, o romance pode contribuir para a formação de uma geração mais sensível às questões da dor e da diversidade. Afinal, morrer, aqui, é um gesto de vida, e ler Lorena Portela é participar desse renascimento coletivo.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Poemas. **Brasiliana-Journal for Brazilian Studies**. [s.l.], v. 3, n.1, jul., 2014.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, ano 13, n. 25, p. 9-22, dez, 2004.

PORTELA, Lorena. **Primeiro eu tive que morrer**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.